

COMEÇAR 2014 COM OS 39 ANOS DOS MELHORES PARA CRIANÇAS FNLIJ

Em meio à correria para encerrar os compromissos assumidos, o fim de ano nos oferece também a oportunidade de refletir sobre o que conseguimos ou não realizar no período. A expectativa de uns dias de descanso para renovar energias é um convite para abrir espaços no nosso “precioso” tempo e poder conviver, com alguma calma, com familiares e amigos, regar os afetos, jogar conversa fora, sonhar e fazer planos sobre o que fazer no ano que vai começar.

Refletindo sobre temas que nos tocam institucionalmente, a leitura, a literatura e os livros, e olhando para os esforços de todos que no país se dedicam a promover o acesso aos livros e à prática da leitura, inferimos que os movimentos em torno desses assuntos vêm aumentando e se fortalecendo. Embora de maneira ainda lenta e difusa, distante do ideal.

Como exemplo de maior visibilidade, citamos as feiras e bienais do livro que vêm atraindo um número cada vez maior de pessoas de todas as idades e diferentes níveis socioeconômicos. Elas têm se multiplicado em várias partes do país. Mas a presença da literatura ainda é tímida (apesar de estar no título de algumas feiras, em meio a outras atividades artísticas que ganham mais destaque do que o livro e a leitura).

Acreditando na força da leitura literária para pensar a vida e sonhar um país e um mundo melhor, como diria Bartolomeu Campos de Queirós, trazemos neste último *Notícias* do ano e já com o olhar para 2014, a notícia da comemoração dos 40 anos de iniciativas importantes da FNLIJ, como uma oportunidade para reafirmar nossa crença de que a leitura dos livros de qualidade é a melhor ponte para trocar conhecimentos e fortalecer afetos entre adultos, crianças e jovens, na perspectiva de uma educação de qualidade para todos cuja base está na sua integração com a cultura.

Começamos lembrando que a presença da FNLIJ na Feira de Bolonha - único palco internacional do livro para crianças até hoje - promovendo os autores e editores brasileiros de livros para crianças, começou em 1974 por intermédio de Ruth Villela de

Souza, do então conselho superior da FNLIJ. A presença constante da FNLIJ na feira com o apoio de editores e dos Ministérios de Relações Exteriores e da Cultura possibilitou que o Brasil fosse escolhido, em 1995, o segundo país de honra na Feira de Bolonha, homenagem que se repetirá em 2014.

Em setembro do mesmo ano a FNLIJ sediou, no Rio de Janeiro, o 14º Congresso do IBBY, o primeiro da instituição internacional fora da Europa e do hemisfério norte. Ao trazer pela primeira vez ao Brasil um grupo de especialistas e autores internacionais renomados e versados no tema da leitura e da literatura para crianças, o congresso foi a semente para o surgimento no país de iniciativas editoriais, acadêmicas e de projetos em torno do tema da leitura e da formação de leitores por meio dos bons livros para crianças.

Em 1975, contemplando o livro *O rei de quase tudo*, de Eliardo França, com o Selo de Ouro da FNLIJ para o Melhor Livro para Crianças, a FNLIJ abriu o caminho para a sua premiação anual, hoje com 18 categorias que são referências para o país e para o mundo.

Assim é que, ao finalizar 2013 e começar 2014, que será repleto de comemorações para a FNLIJ, apresentamos a lista de todos os livros premiados na categoria Criança, pela FNLIJ, agradecendo os apoios e parcerias recebidos ao longo dos anos.

São 55 livros, de 34 escritores e 31 ilustradores, editados por 21 editoras. Em alguns anos a categoria teve dois prêmios e depois de 1992 incorporaram os *hors-concours*, aqueles autores que haviam sido premiados mais de três vezes, abrindo caminho para os novos.

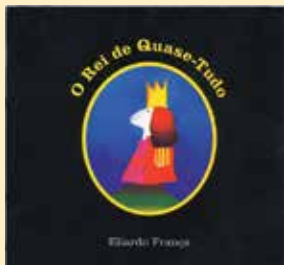
Que esses livros inspirem as famílias a partilhar muitas leituras com seus filhos, netos, sobrinhos, irmãos e amigos.

Para os professores e bibliotecários: que a literatura esteja presente nas suas vidas fora da escola e que nos seus planejamentos ela não seja um pretexto para a prática da língua materna, mas se torne a própria essência do trabalho de leitura.

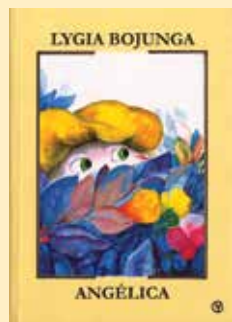
Desejando um feliz ano novo para todos, sugerimos partilhar pelas mídias sociais suas impressões sobre esses e outros livros.



O MELHOR PARA CRIANÇA – FNLIJ



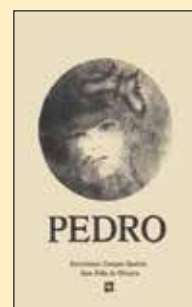
O rei de quase tudo. Texto e ilustrações de Eliardo França. Orientação Cultural (Atualmente, pela Global Editora). 1974.



Angélica. Lygia Bojunga Nunes. Ilustrações de Vilma Pasqualini. Agir (Atualmente, pela Editora Casa Lygia Bojunga). 1975



A bolsa amarela. Lygia Bojunga Nunes. Ilustrações de Marie Louise Neri. Agir (Atualmente, pela Editora Casa Lygia Bojunga). 1976



Pedro. Bartolomeu Campos de Queirós. Ilustrações de Sara Ávila de Oliveira. Miguilim (Atualmente, pela Global Editora). 1977



Coleção Gato e rato. Mary França. Ilustrações de Eliardo França. Ática. 1978



Raul da ferrugem azul. Ana Maria Machado. Ilustrações de Patrícia Gwinner. Salamandra. 1979.



O curumim que virou gigante. Joel Rufino dos Santos. Ilustrações de Lúcia Lacourt. Salamandra (Atualmente, pela Editora Ática). 1980.



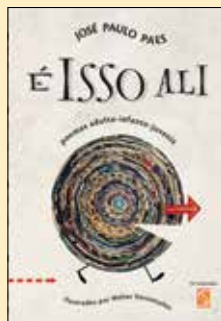
O que os olhos não vêem. Ruth Rocha. Ilustrações de José Carlos de Brito. Salamandra. 1981.



Uni, duni e tê. Texto e ilustrações de Angela Lago. Comunicação (Atualmente, pela Editora Moderna). 1982.



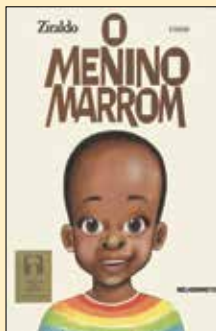
Os bichos que tive. Sylvia Orthof. Ilustrações de Gê Orthof. Salamandra. 1983



É isso ali. José Paulo Paes. Ilustrações de Carlos Brito. Salamandra. 1984



Uxa, ora fada, ora bruxa. Sylvia Orthof. Ilustrações de Tato. Nova Fronteira. 1985



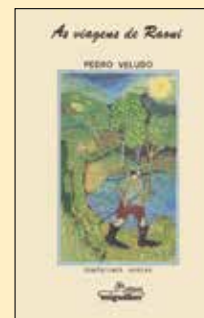
O menino marrom. Texto e ilustrações de Ziraldo. Melhoramentos. 1986



Uma ilha lá longe. Cora Rónai. Ilustrações de Rui de Oliveira. Record. 1987



A mãe da mãe da minha mãe. Terezinha Alvarenga. Ilustrações de Angela Lago. Miguilim. 1988



As viagens de Raoni. Pedro Veludo. Ilustrações de Demóstenes Vargas. Miguilim. 1989



Sua alteza a Divinha. Texto e ilustrações de Angela Lago (colaboração de ilustradores anônimos e antigos). RHJ. 1990.



O menino de olho d'água. José Paulo Paes. Ilustrações de Rubens Matuck. Ática. 1991



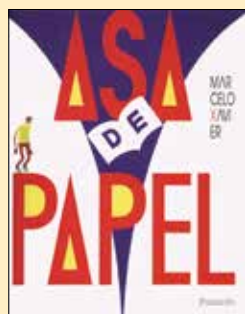
Eu e minha luneta. Texto e ilustrações de Cláudio Martins. Formato. 1992



HC: *De morte!* Texto e ilustrações de Angela Lago. RHJ. 1992



HC: *O problema de Clóvis.* Texto e ilustrações de Eva Furnari. Santuário. 1992



Asa de papel. Texto e ilustrações de Marcelo Xavier. Formato. 1993



Coleção Assim é se lhe parece. Angela Carneiro, Lia Neiva, Sylvia Orthof. Ilustrações de Roger Mello, Mariana Massarani, Elisabeth Teixeira. Ediouro. 1994



A cristaleira. Graziela Bozano Hetzel. Ilustrações de Roger Mello. Ediouro (Atualmente, pela Editora Manati). 1995



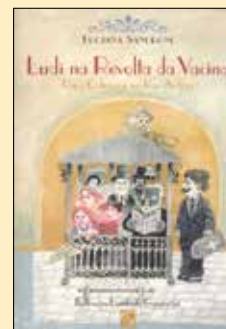
Menino do Rio Doce. Ziraldo. Bordados do Grupo Matizes Dumont sobre desenhos de Demóstenes Vargas. Companhia das Letras. 1996.



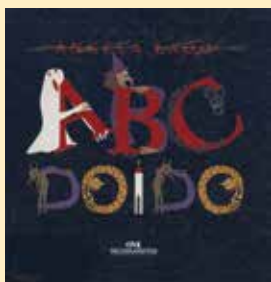
Minhas memórias de Lobato. Luciana Sandroni. Ilustrações de Laerte. Companhia das Letrinhas. 1997



Dez saczinhos. Tatiana Belinky. Ilustrações de Roberto Weigand. Paulinas. 1998



Ludi na Revolta da Vacina: uma odisséia no Rio Antigo. Luciana Sandroni. Ilustrações de Humberto Guimarães. Salamandra. 1999



HC: *ABC doído.* Texto e ilustrações de Angela Lago. Melhoramentos. 1999



HC: *Fiz voar o meu chapéu.* Ana Maria Machado. Ilustrações de ZeFlávio Teixeira. Formato. 1999



Chica e João. Texto e ilustrações de Nelson Cruz. Cosac Naify. 2000



HC: *Indo não sei aonde buscar não sei o quê.* Texto e ilustrações de Angela Lago. RHJ. 2000



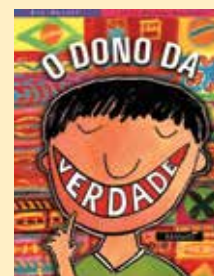
Mania de explicação. Adriana Falcão. Ilustrações de Mariana Massarani. Salamandra. 2001



HC: *Meninos do mangue.* Texto e ilustrações de Roger Mello. Companhia das Letrinhas. 2001



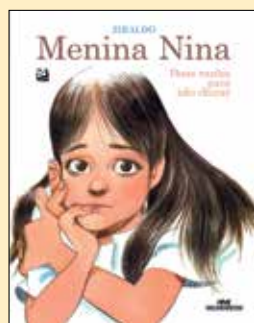
A princesinha medrosa. Texto e ilustrações de Odilon Moraes. Companhia das Letrinhas (Atualmente, pela Cosac Naify). 2002



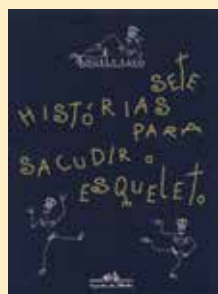
O dono da verdade. Bia Hetzel. Ilustrações de Mariana Massarani. Manati. 2002



HC: *De carta em carta.* Ana Maria Machado. Ilustrações de Nelson Cruz. Salamandra. 2002



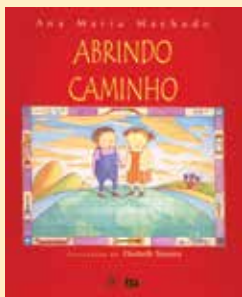
HC: *Menina Nina: duas razões para não chorar.* Texto e ilustrações de Ziraldo. Melhoramentos. 2002



HC: *Sete histórias para sacudir o esqueleto.* Texto e ilustrações de Angela Lago. Companhia das Letrinhas. 2002



O segredo da chuva. Daniel Munduruku. Ilustrações de Marilda Castanha. Ática. 2003



HC: *Abrindo caminho*. Ana Maria Machado. Ilustrações de Elizabeth Teixeira. Ática. 2003



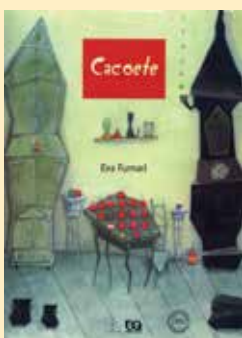
HC: *Até passarinho passa*. Bartolomeu Campos de Queirós. Ilustrações de Elizabeth Teixeira. Moderna. 2003



Pedro e lua. Texto e ilustrações de Odilon Moraes. Cosac Naify. 2004



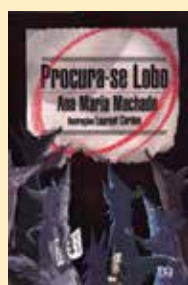
Murucututu a coruja grande da noite. Marcos Bagno. Ilustrações de Nelson Cruz. Ática. 2005



HC: *Cacoete*. Texto e ilustrações de Eva Furnari. Ática. 2005



HC: *João por um fio*. Texto e ilustrações de Roger Mello. Companhia das Letrinhas. 2005



HC: *Procura-se lobo*. Ana Maria Machado. Ilustrações de Laurent Cardon. Ática. 2005



O menino, o cachorro. Simone Bibian. Ilustrações de Mariana Massarani. Manati. 2006



HC: *Felpo Filva*. Texto e ilustrações de Eva Furnari. Moderna. 2006



O jogo de amarelinha. Graziela Bozano Hetzel. Ilustrações de Elisabeth Teixeira. Manati. 2007



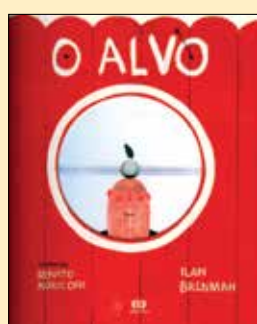
O guarda-chuva do vovô. Carolina Moreyra. Ilustrações de Odilon Moraes. DCL. 2008



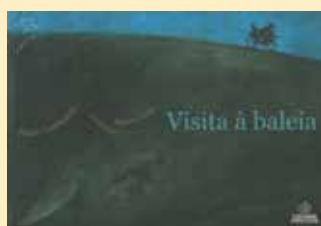
O lobo. Graziela Bozano Hetzel. Ilustrações de Elizabeth Teixeira. Manati. 2009



Palhaço, macaco, passarinho. Eucanaã Ferraz. Ilustrações de Jaguar. Companhia das Letrinhas. 2010



O alvo. Ilan Brenman. Ilustrações de Renato Moriconi. Ática. 2011



Visita à baleia. Paulo Venturelli. Ilustrações de Nelson Cruz. Positivo. 2012

No site da FNLIJ estão disponíveis os títulos das obras premiadas pela FNLIJ ao longo dessas quatro décadas, em todas as categorias, conheça-os: www.fnlij.org.br

CONCURSOS FNLIJ 2014

Já estão disponíveis no site da FNLIJ os regulamentos para os quatro Concursos FNLIJ 2014, promovidos anualmente pela instituição. O prazo para inscrição encerra em 31 de março de 2014.

O 19º Concurso FNLIJ - Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil é direcionado aos programas desenvolvidos por pessoas físicas ou jurídicas, de forma individual ou coletiva, que tenham por objetivo o incentivo à leitura por meio de livros de literatura junto aos públicos infantil e/ou juvenil.

O 13º Concurso FNLIJ - Leia Comigo! é voltado aos adultos, pais, professores e educadores que queiram relatar uma experiência com a leitura dirigida às crianças e aos adolescentes. Os textos poderão ser inscritos em duas categorias: *Relato em forma de ficção*, cujo tema seja uma situação de leitura compartilhada e *Relato de uma situação real*, com a apresentação da leitura

partilhada entre adultos e crianças e/ou jovens;

O 11º Concurso FNLIJ - Curumim – Leitura de Obras de Escritores Indígenas é dirigido aos adultos que trabalham com a promoção de obras literárias de autoria indígena em salas de aula, bibliotecas, escolas, comunidades, desenvolvidas por professores, bibliotecários e educadores.

O 11º Concurso FNLIJ - Tamoios – Textos de Escritores Indígenas é voltado aos indígenas adultos brasileiros residentes no Brasil, que tiverem sua filiação indígena apresentada. Os textos inscritos devem ser fruto de uma obra literária infantil e/ou juvenil. O texto deve ser inédito, apresentado em português, em forma narrativa ou poética, podendo ser de autoria coletiva. Este concurso é promovido pela FNLIJ em parceria com o Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual - INBRAPI, por meio do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas – NEARIn.

Site FNLIJ: www.fnlij.org.br

Paixão de Ler 2013

Entre os dias 05 e 12 de novembro foi realizada a 21ª Campanha Paixão de Ler, promovida pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, em vários pontos da cidade, cujo tema foi *Vozes do Nordeste: identidade, memória e contemporaneidade*. Tomando como referência os versos de João Cabral de Melo Neto, “Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos... para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos”.

As atividades aconteceram em bibliotecas públicas, lonas culturais, praças e outros espaços. As ilustrações do catálogo da programação são de Fernando Vilela.

Em 1993, a então Secretaria Municipal de Cultura do Rio, Srª Helena Severo, inspirada no projeto francês *Le fureur de lire*, criou a Campanha *Paixão de Ler* no Rio de Janeiro. Um projeto de incentivo à leitura mobilizando a participação da sociedade.

A cerimônia de abertura aconteceu no Parque das Ruínas e homenageou pessoas e instituições que contribuíram para a promoção da leitura. Foram homenageados: a Helena Severo – Secretaria Municipal de Cultura, no período de 1993

a 2000 - Pela iniciação e compromisso com a Campanha; Angela Maria Lopes Marinho – Bibliotecária responsável pela Biblioteca Popular de Campo Grande - Pelo trabalho executado nas bibliotecas populares; Lucília Soares, Sr. Marcelo Moutinho, Cadu Cinelli - curadores responsáveis pelos projetos e ações literárias da Gerência de Livro e Leitura - Pela parceria cultural junto a Coordenadoria de Livro e Leitura, Arte e Educação da SMC; as editoras Ática/Scipione, Rocco, Global, Record e Objetiva - Pelo apoio ao trabalho da Gerência de Livro e Leitura; Cristina Warth – responsável pela Primavera dos Livros, Emília Maria Fernandes – responsável pela Feira Literária de Santa Teresa – FLIST, Ecio Salles e Julio Ludemir – responsáveis pela Feira Literária das UPPS-FLUPP e Binho Cultura – responsável pela Feira Literária da Zona Oeste- FLIZO - Pelo trabalho realizado com fomento à leitura; Gonçalo Ferreira da Silva – mais antigo cordelista da Academia Brasileira de Cordel e José João dos Santos, Mestre Azulão – o mais antigo cordelista da Feira de São Cristóvão, 400 livros de literatura de cordel publicados, mais de 700 poemas inéditos - Pelo trabalho e divulgação das

tradições nordestinas.

Elizabeth Serra, secretária-geral da FNLIJ teve o seu trabalho de fomento à leitura, reconhecido pela coordenação geral do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, que este ano comemorou 15 anos de existência contínua no Rio de Janeiro. Elizabeth não pode comparecer devido a uma viagem já previamente agendada, elegendo sua filha Maria Beatriz Serra para representá-la na solenidade.



Silvia Castrillón cumpre agenda de compromissos em visitas ao Brasil

A bibliotecária colombiana Silvia Castrillón, especialista em políticas públicas e fundadora da *Associação Colombiana de Leitura e Escrita* – Asolectura – veio ao Brasil a convite do Serviço Social do Comércio - SESC - para o III Encontro de Bibliotecas Escolares, realizado na Escola SESC de Ensino Médio, em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, e organizado pelo bibliotecário do órgão José Maria Júnior, no qual participou da Conferência de abertura, ocorrida no dia 25 de setembro. O evento discutiu o papel social das bibliotecas nas comunidades localizadas no seu entorno, e Silvia falou sobre *Biblioteca e Comunidade*. O texto apresentado por Silvia Castrillón se encontra no Suplemento que acompanha esta edição.

Aproveitando o convite do SESC, Silvia pôde participar de outros eventos no Rio, em São Paulo e Porto Alegre. Primeiro, foi o Seminário Internacional de Educação, *Juventudes e Comunicação*, promovido pela Faculdade de Educação da PUCRS, em Porto Alegre, do dia 12 a 14 de setembro, a convite de Márcia Cavalcante, coordenadora de projetos do Centro de Integração de Redes – Cirandar, projeto patrocinado pelo Instituto C&A. O evento fez parte da programação de comemorações dos 50 anos do jornal produzido pela faculdade, o *Mundo Jovem*. Silvia participou da Conferência de Abertura, apresentando a palestra *Espacios para conversar e historias de conversaciones*, ao lado do jornalista, professor e coordenador do curso de Jornalismo da PUCRS, Fábian Chelkanoff, mediada por Marcos Vilella, professor,

pesquisador e diretor da Faculdade de Educação da PUCRS.

No dia 16, no Rio de Janeiro, Silvia Castrillón participou de uma Roda de Conversa sobre *Biblioteca na escola*, com professores, alunos de Educação e de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, organizado pelas professoras Dra. Patrícia Corsino e Dra. Ludmila Thomé de Andrade, coordenadoras do Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação – LEDUC, na UFRJ. Em seguida, houve a cerimônia de reinauguração da Sala de Leitura *Felicidade clandestina*

Em São Paulo, no dia 23, Silvia participou da noite comemorativa dos dois anos da Editora Pulo do Gato, na Livraria da Vila, prestigiada por autores e convidados. O livro *O direito de ler e escrever*, da escritora, figurou no catálogo de estreia da editora. No dia seguinte, Silvia participou do lançamento do programa *Quem lê, sabe por quê: Rede Releitura*, da Secretaria de Educação de São Paulo, organizado por Edmir Perrotti, no qual falou sobre *Bibliotecas, Leitura e Comunidade*, no Centro Educacional Unificado – CEU – de Butantã.

Encerrando a primeira parte de seus compromissos em solo brasileiro, Silvia esteve presente na cerimônia de abertura da II Feira Literária de São Bernardo do Campo, no dia 27, ao lado do prefeito Luiz Marinho e da secretária de Educação do município, Cleuza Repulho, convidada pela FNLIJ. Como parte da programação, Silvia participou de dois encontros com

professores. O primeiro, na parte da tarde, no Espaço FNLIJ de Leitura, e à noite na Biblioteca FNLIJ para Educadores.

Retornando pela segunda vez ao Brasil, em um curto espaço de tempo, Silvia desembarcou direto na cidade de Recife, onde participou da palestra de abertura do II Encontro de Bibliotecas Públicas, em 8 de outubro, no Centro de Convenções, como parte da programação da IX Bienal Internacional do Livro de Pernambuco. Ao lado da coordenadora de bibliotecas de Medellín, Luz Estela, Silvia falou sobre *Biblioteca e Identidade*, mediada por Cida Fernandez. As duas colombianas visitaram a Biblioteca Multicultural Nascledouro, na cidade pernambucana de Peixinhos. No último dia do II Encontro, Silvia e Luz participaram da mesa-redonda *O Desafio das Redes de Bibliotecas na Construção de Políticas Públicas*.



Silvia no III Encontro de Bibliotecas Escolares, no Rio de Janeiro



O público lotou o espaço do SESC para ouvir Silvia falar sobre bibliotecas



II Encontro de Bibliotecas públicas, em Recife.

Qual sentido para a biblioteca escolar?¹

POR SILVIA CASTRILLÓN

Texto apresentado no dia 25 de setembro de 2013, na abertura do III Encontro Escola SESC de Bibliotecas Escolares, no Rio de Janeiro.

A biblioteca escolar tem sido tema recorrente de diversos setores em momentos diferentes da história recente de nossos países, especialmente por parte dos profissionais da biblioteconomia, de alguns educadores, mas também de setores associados com a produção do livro e, em algumas ocasiões, foi objeto de atenção de órgãos internacionais e das administrações públicas nacionais e locais.

Por isto quis iniciar minhas palavras com uma curta história recente das transformações sofridas pelas bibliotecas escolares em alguns dos países da região. Talvez assim possamos entender melhor sua situação atual. Ainda que me refira especialmente à Colômbia e a alguns países de fala hispânica, tenho certeza de que não se trata de casos isolados, posto que as políticas educativas de nossos países tenham seguido rumos muito parecidos, orientações comuns e tenham atendido às mesmas modas, muitas vezes impostas desde outras latitudes.

Tendo em conta que a história do Brasil difere em vários aspectos, farei referência sucinta mais adiante em alguns pontos específicos.

Na década dos anos 70, a maioria de nossos países iniciou processos de reformas de seus sistemas educacionais sob a consideração de que a democratização da educação havia afetado seriamente a qualidade e que era necessário adiantar processos de melhoramento qualitativo centrados em uma renovação curricular. Essa democratização havia vinculado milhares de crianças que, vindo de classes sociais baixas, seriam formados para o trabalho e para uma incorporação à sociedade, mediante uma prática cidadã que, no entanto, não era plena, pois só admitia certos deveres e poucos direitos, e a leitura da literatura começou a perder espaço na escola.

Para os países da região, essas reformas foram plantadas a partir da Organização dos Estados Americanos - OEA, que nessa época tinha um papel muito atrativo no campo da educação e costumava formular orientações programáticas por meio do Comitê Interamericano para Educação, Ciência e Cultura, e seu Programa Regional de Desenvolvimento Educativo. O lema dessa época foi *tecnologia educativa*, através da qual se pretendia resolver os problemas de qualidade da educação esquecendo que esses problemas têm uma origem política e não se resolvem com soluções tecnológicas. Um dos eixos desse projeto foi a criação das bibliotecas escolares como *centros de recursos para a aprendizagem*, (expressão criada na época), pois também nesse tempo começaram a avançar investigações sobre as limitações do livro didático como eixo do processo ensino/aprendizagem e também começaram a surgir as primeiras desconfianças sobre o futuro do livro, como único suporte da informação e do conhecimento, que supostamente seria substituído pelos meios audiovisuais da época.

Foi nesse tempo que se propôs a TV para sala de aula, pensando que esta poderia num futuro substituir ao professor: salas de aula dotadas de aparelhos de TV e centros de recursos para a aprendizagem com toda a diversidade de materiais educativos, não necessariamente livros, com exceção dos livros produzidos pelas crianças, seriam as ferramentas para a mudança educativa. Também foi o tempo da educação à distância, especialmente para setores da população que não haviam tido acesso à escola.

No entanto, simultaneamente a essas propostas, surgiram os primeiros programas de grande magnitude de bibliotecas escolares, graças a educadores e bibliotecários que não reduziram o futuro da educação à tecnologia. Colômbia, Costa Rica, Venezuela e Peru trabalharam juntos em um projeto regional que teve como resultado o que se chamou de "*Modelo Flexível para un sistema de bibliotecas escolares*", que a OEA apresentou como proposta a seus países membros.

Nesse momento a indústria editorial nacional de alguns países começou a consolidar-se e, sem abandonar seu produto predileto, o livro didático, iniciou a diversificação da sua produção de livros e materiais informativos auxiliares dos processos educativos e com a literatura infantil. Foi o início da produção dos livros para crianças em muitos dos nossos países. Estamos na década dos anos 80.

Essa poderia se chamar a primeira onda do auge da biblioteca escolar. Entretanto, rapidamente os projetos mencionados desapareceram por causa da demanda de mudanças nas políticas educativas e pela falta de vontade em garantir os grandes investimentos que as bibliotecas escolares requeriam, não apenas em livros, mas também especialmente em profissionais que tomassem cargo delas. Também não havia muita segurança em relação a sua utilidade, pois já, como disse, começava-se a pensar que não só o livro didático como também o livro impresso, em geral, estavam a caminho de desaparecer.

Mesmo assim, e talvez por essa razão, fizeram-se planos intensos de distribuição de livros didáticos para as escolas, abaixo de pressão das grandes editoras produtoras desses textos, as mais importantes e as que possuíam o maior poder de influência nas decisões das políticas públicas educativas, distribuições financiadas pelo Banco Mundial, mediante endividamentos externos dos países.

Transcorreram um pouco mais de duas décadas para que se voltasse a falar das bibliotecas escolares. Simultaneamente, começaram a construir as grandes bibliotecas públicas, cujos edifícios agora se mostram com orgulho, com a ideia de que elas substituiriam a biblioteca escolar. Estou falando especialmente do caso colombiano.

A indústria editorial espanhola, que não se resignava em perder seu mercado mais importante, a América de fala hispânica, e dentro desta, a escola, começou a consolidar-se na região sob o amparo de leis do livro que a exoneravam de impostos e deram início ao planejamento de projetos com adoção de livros para as escolas, já não apenas didáticos, denominados *Planos Nacionais*

de Leitura. É preciso esclarecer que se tratava somente de entregas de livros, sem que isto formasse parte de projetos que integrassem a biblioteca escolar, nem acompanhado de programas de formação dos professores, exceto esporádicas oficinas sem continuidade. Tampouco previram outras transformações nos tempos e nos espaços das instituições educativas, necessárias para práticas de leitura de livros diferentes do livro didático. Em muitos casos estes livros foram recebidos pelas escolas e nunca foram usados.

Nos primeiros anos do presente século, em instâncias da sociedade civil e acadêmica de alguns países, começou-se a pensar em políticas públicas. Uns anos antes, em 1992, o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe – Cerlalc – havia convocado uma primeira reunião no Rio de Janeiro sobre políticas públicas de leitura.

As bibliotecas escolares voltaram a encontrar nestas políticas novas possibilidades como projetos nacionais associados uma vez mais com o melhoramento da qualidade da educação. Países como Argentina, Chile e México, com modelos diferentes, começaram a introduzir nas suas políticas educativas o tema das bibliotecas escolares e, inclusive nas suas legislações, a obrigação de organizá-las no interior das escolas.

Não é gratuito que novamente algumas organizações internacionais, especialmente a Organização dos Estados Americanos para Educação, Ciência e Cultura – OEI e alguns órgãos espanhóis, como a Agência de Cooperação para o Desenvolvimento do Ministério de Assuntos Exteriores da Espanha, com o apoio de algumas editoras, como Santillana e SM, começaram novamente a impulsionar o tema das bibliotecas escolares nos países da região. Estão agora exercendo o papel que no momento anterior lhe correspondeu ao Banco Mundial, não de maneira tão direta, mas diante do estabelecimento de relações muito estreitas com os governos e da abertura e colonização dos espaços da sociedade civil e acadêmica.

Uma recente investigação sobre a situação das bibliotecas escolares na Argentina – realizada também no México, Chile e Brasil –, com a frente do Ministério da Educação, o Plano Nacional de Leitura da Argentina e o Programa de Bibliotecas Escolares e Especializadas desse país, patrocinada pela OEI e o Ministério de Assuntos Exteriores e de Cooperação da Espanha, destaca na sua introdução a importância da: “ampliação das coleções das bibliotecas com materiais literários diversos e atrativos (...) adequação e atualização dos fundos bibliográficos”²

Durante todo este tempo as coisas no Brasil transcorreram algumas vezes de maneira parecida e, outras, diferente. Primeiro de tudo seria necessário dizer que nunca nenhum país fez distribuições de diversos tipos de texto de maneira tão intensa e tão antecipada como Brasil, primeiro de livros didáticos e logo de literatura, mas especialmente literatura brasileira. A partir dos anos 80 se distribuíram livros para as *Salas de Leitura*, denominação que se deu à biblioteca escolar e que segundo aponta Elizabeth Serra, negou-se por um tempo o reconhecimento da biblioteca escolar e a oportunidade de instalar na escola o conceito de biblioteca.³

Entre 1982 e 1985 a FNLIJ avançou com o programa *Ciranda de livros*, com o financiamento do setor privado, pioneiro no mundo, com uma distribuição que alcançou todas as escolas primárias

com uma coleção de livros de literatura de qualidade.

No entanto, demorou até 1997 para falar-se de biblioteca escolar, ano em que se instituiu o *Programa Nacional de Bibliotecas Escolares – PNBE* – mediante circular do Ministério da Educação. Esta resolução, entre outras coisas, programa a aquisição de obras de literatura brasileira. Mais adiante, no ano 2000, se agrega a obrigação de prover materiais didáticos pedagógicos para a capacitação dos docentes.

A norma mais recente, lei nº 12244 de 2010, determina a universalização das bibliotecas nas instituições de educação fundamental para antes do ano 2020. Meta que para alguns parece inalcançável, pelo menos nas condições requeridas.

Depois desta curta história, a primeira pergunta que surge é: qual é a razão para que não se tenham alcançado as metas de sociedades com acesso pleno à cultura escrita e, especialmente, onde as pessoas façam uso dela como meio para crescer na sua condição de seres humanos, cujos indivíduos pensam e atuam e fazem seu o capital simbólico representado na literatura, apesar de não ter faltado ações de intensa distribuição de livros nas escolas e inclusive nos lares?

Não acredito que haja uma resposta única para esta pergunta. Penso que convergem muitos fatores. O primeiro, ideológico. Não há interesse em formar leitores críticos que possam questionar uma ordem estabelecida. E não é questão de que exista um poder invisível que o determine. É justamente porque este poder não se pode estabelecer pelo que não é fácil falar dele. Quem nega a necessidade de formar leitores críticos, cidadãos responsáveis, crianças que desfrutam com a leitura? Em nenhum plano de educação ou de cultura se nega este direito. Pode ser que não se mencione de maneira explícita, mas não se nega.

O que sem dúvida penso é que, tanto educadores quanto bibliotecários, temos aqui um tema que precisa de nossa atenção, temos muitas perguntas por fazer e acredito que a biblioteca escolar pode ser um espaço para essas perguntas.

A breve informação com a qual inicie minhas palavras pode ajudar-nos a esboçar alguns temas de reflexão, por exemplo, os múltiplos interesses que inspiraram, pelo menos nos países americanos de fala hispânica, a colocada em marcha de bibliotecas escolares, desviaram-nas do seu objetivo central? Talvez estas perguntas nos ajudem a pensar nas bibliotecas de outra maneira e a eleger para elas propósitos que estejam mais associados com a democratização da cultura escrita, com a conquista de um acesso mais equitativo à leitura e à escrita por parte de uma população tradicionalmente excluída delas.

Creio que as funções da biblioteca escolar são de caráter político, ético e educativo, que estas funções não estão separadas do papel geral da escola e que seu cumprimento não pode dar-se num trabalho isolado de sala de aula. Mas também acredito que a biblioteca escolar tem tarefas específicas que lhe conferem uma identidade própria e uma razão de ser no interior da escola e do sistema educativo.

Igualmente penso que, ainda que a biblioteca escolar compartilhe seus fins com a escola, esta última não pode cumprir de forma cabal aos seus próprios, se carece da primeira.

De acordo com o Manifesto da UNESCO, os fins da biblioteca escolar são os de dotar “aos estudantes com os instrumentos que

lhes permitirão aprender ao longo de toda sua vida e desenvolver sua imaginação, tornando possível que cheguem a cidadãos responsáveis”.

Acredito ser necessário precisar estes fins.

Para isso quisera compartilhar com vocês algumas reflexões sobre o que considero o papel central da biblioteca escolar: o de trabalhar, como já disse, de mãos dadas com a sala de aula para conseguir que todos os estudantes tenham melhores e mais diversas possibilidades de aceder à cultura escrita em todas suas dimensões. Creio que todas as funções da biblioteca escolar tenham que ver com cumprir uma obrigação da sociedade e do Estado: a de garantir o direito que todos têm de aceder à cultura escrita e do qual se deriva seu caráter político, ético e educativo. Direito que se exerce ao longo da vida e não só enquanto se permanece na escola.

No entanto, por que o acesso à cultura escrita é um direito que o Estado deve garantir?

O professor brasileiro Luiz Percival Leme Britto, dizia há um ano numa conferência em Medellín, Colômbia:

É fundamental para todas as pessoas que trabalham com educação, com a leitura e com a escrita, reconhecer que nunca no mundo, incluindo a América do Sul, a escrita foi tão necessária e tão empregada quanto nos dias de hoje. Nunca em nenhum momento da história da América se leu tanto como se lê hoje, e isto não tem nada a ver com a promoção da leitura, mas com uma determinação estrutural do sistema produtivo, que objetivamente impõe a todos a necessidade do alfabetismo, e, em alguma medida, a necessidade de ler e escrever.

Por outro lado, a escritora argentina Graciela Montes, diz:

A soma dos textos é a tela, a imensa tapeçaria em que as sociedades (...) deixam o registro expresso dos universos de significação que foram construindo ao longo do tempo e das circunstâncias.

(...)

Para quem vive dentro de uma sociedade de escrita, não é o mesmo ler que não ler, não é o mesmo entretecer-se e formar parte da tapeçaria, que ficar mudo e de fora.⁴

As palavras anteriores não são juízos de valor, não estabelecem a superioridade da cultura escrita frente à cultura oral – tema que, por outra parte, foi debatido e rebatido amplamente por muitos estudiosos⁵ –, tampouco afirmam que a escrita seja um fim em si mesma⁶, mas certamente insistem no fato de que na sociedade atual aceder à cultura escrita é uma necessidade sem a qual se limitam ao extremo outros direitos e outras possibilidades de existência.

É muito importante ter presente esta condição de meio e não de fim que tem a cultura escrita, pois disso depende em grande medida a forma em que a escola, e com ela a biblioteca, cumpre com sua tarefa de formar leitores.

O acesso à cultura escrita entendida como meio pode-se dar em duas dimensões: uma primeira, imediata, para um uso pragmático associado com as necessidades laborais, com um exercício da cidadania responsável (quer dizer, limitado) e com a diversão e com o consumo. É a dimensão que impõe a sociedade atual, seu modelo de produção, como nos recorda o professor Leme Britto, com seu correspondente: o consumo; e outra, a que oferece possibilidades de ir mais além, como meio para pensar, refletir,

tomar distância frente à realidade, questionar, entender, conhecer e, sobretudo como meio de apropriação do capital simbólico representado na literatura, para fazer parte do tecido de significações do que fala Graciela Montes.

A escola, de modo geral, oferece a primeira dimensão deste acesso, pois é o que a sociedade lhe pede: que as crianças saibam ler e escrever com fins práticos, funcionais e rentáveis.

Não obstante, ambas as dimensões são necessárias e de ambas a escola e a biblioteca deveriam ocupar-se. Mas a pergunta central é, como diria Paulo Freire: como fazer para que nenhuma delas se converta em instrumento de sujeição e, pelo contrário, sejam meios de emancipação?

De modo geral, a escola costuma separar estas duas dimensões e rebaixá-las, a uma, a condição de leitura utilitária, a que se aprende na sala de aula mediante exercícios e provas de compreensão, e a outra, a leitura recreativa, a que se promove para “adquirir o gosto pela leitura”, a chamada leitura lúdica, e que às vezes, porém cada vez menos, se propõe como meio para adquirir certa “cultura”, mas que geralmente se oferece como distração. Esta última leitura é a que a escola estabelece como responsabilidade da biblioteca.

Esta divisão entre leitura para ter acesso à informação e leitura lúdica, uma a cargo da sala de aula e a outra da biblioteca, deu lugar a muitas confusões e muitas simplificações.

Por um lado, gera a ideia de que a leitura para a informação é uma leitura útil, mas ao mesmo tempo reduz a informação ao dado em si, à cifra, ao episódio, à estória; descontextualiza a mesma. Em relação a esta leitura, conferem à biblioteca algumas funções com as que aparentemente os estudantes conseguem um acesso à informação ou, melhor, acumulam informações e a biblioteca se converte num espaço para o manejo de bases de dados, de ferramentas digitais, de acesso às novas tecnologias e em certas ocasiões, de algumas fontes bibliográficas que ainda se usam para não perder o costume; o qual também não evita que os estudantes apenas se sirvam da cópia baixada da Internet.

A este respeito em um texto sobre o tema, elaborado com a co-autoria do professor Didier Álvarez Zapata, enfocávamos a necessidade de que a escola assumia:

“uma nova postura frente à informação e frente ao conhecimento, ao considerar que estes se questionam, se comparam, se relacionam, se contextualizam, se abordam desde diferentes perspectivas e são objetos de uma construção coletiva onde a experiência e os saberes de todos que participam dessa construção contam e se valorizam. Tudo isso no horizonte pedagógico apresentado por Paulo Freire em suas ideias libertadoras sobre o saber: “quando mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que eu venho chamando de ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento pleno do objeto”⁷.

A segunda grande dimensão que expus acima é a de uma leitura que em momentos atuais é “uma leitura escassa” nas palavras do professor Britto. E é escassa justamente porque o que ela pode colaborar como possibilidade para o conhecimento de nós mesmos, do mundo e da nossa relação com o mundo e com os demais, é contrário ao que a sociedade propõe. É fundamentalmente, a leitura da literatura, reclamada como direito pelo

grande brasileiro Antônio Candido, mas também, a leitura da filosofia e de outros textos teóricos.

É a leitura que permite que “possamos aprender a ler-nos, ainda que isto seja difícil (...) compreender mais e melhor e talvez algo mais profundamente em que consiste viver e morrer” segundo palavras de Fernando Bárcena⁸.

O que venho propondo em encontros como este, em reuniões com professores e com bibliotecários do meu país, é a necessidade de que a escola faça cargo desta leitura. De que abra espaços que permitam o descobrimento por parte dos alunos e das possibilidades que oferece a leitura da literatura, espaços e tempos no interior da escola para a “leitura escassa” e para a conversação.

É nesta tarefa em que creio que a biblioteca escolar encontra seu sentido mais profundo e seu papel mais necessário: fazer da “escola uma comunidade de leitores e escritores” como o sugere Delia Lerner⁹. Abrir a possibilidade para o encontro entre leitores de todas as idades, um encontro enriquecido com a conversação. Encontros em que participem estudantes, professores e membros da administração.

Por tudo isto, a escola deveria ser a “grande ocasião” como disse Graciela Montes e para tanto, segundo Graciela, deve “garantir um espaço e um tempo, textos, mediações, condições, desafios e companhia para que o leitor se instale na sua posição de leitor [...]” (que é uma postura única, inconfundível, que supõe certa abstração e uma tomada de distância, um *colocar-se à margem* para, desde ali produzir observação, consciência, viagem, pergunta, sentido, crítica, pensamento) [...].

A escola deve estimular [as] audácias [das crianças e jovens], acompanhar suas indecisões, contribuir com sua poética, fortalecer sua qualidade como sujeitos de uma experiência, ajudar-lhes a alongar essa experiência, ceder ouvido às narrações, às intervenções, aos registros, facilitar seu ingresso à tapeçaria cultural e dar-lhes possibilidades para entrelaçar-se na sua trama...¹⁰

É para isso que a escola conta com a biblioteca e com o bibliotecário.

É aqui onde também encontra sentido o trabalho da escola com a comunidade, trabalho em que a biblioteca escolar corresponde um papel central: incluir a comunidade neste propósito.

As pessoas dentro e fora da escola necessitam de espaços que permitam descobrir essa leitura – que não é a pragmática associada com o trabalho, nem a recreativa associada com o consumo –, a leitura que se propõe a uma busca de sentido, a “leitura escassa” da que falava o professor Britto e a que, nas palavras de Marina Colasanti, “aciona o sistema de atenção e de alerta”.¹¹

É desta maneira que toma sentido o trabalho com a comunidade, um trabalho que se dirige não somente a que os estudantes descubram um sentido para a leitura da literatura associado a um sentido para a vida, para a vida humana, mas que também inclua àquelas pessoas que estão de fora da escola, que sempre estiveram ou quando formaram parte dela não lhes deu oportunidade de encontrar sentido para a leitura.

De modo geral a comunidade, e especialmente os pais, são convocados para transformarem-se em sócios da aprendizagem de seus filhos ou para entretê-los com atividades aparentemente associadas com a aquisição do gosto pela leitura de seus filhos, mas não na sua condição de sujeitos que também têm o direito à leitura.

Pelo contrário, criar espaços onde a comunidade se sinta convocada pela leitura, descubra que lhe compete, que tem que ver com ela, que é capaz de ler e escrever, diante de práticas socializadas de leitura de textos literários, e conversações sobre estes textos, abrindo assim novas perspectivas para todos. Espaços onde todos, alunos, professores e membros da comunidade, possam estabelecer com os textos relações que lhes permitam encontrar na leitura uma forma de fazer próprio um patrimônio da humanidade e fazer parte do tecido de sentidos que a sociedade tem construído para não ficar “calado e de fora”.

Eu acredito nisto, e penso que a melhor maneira de conseguir-lo é por meio da biblioteca escolar que é chamada a realizar um trabalho, de mãos dadas à sala de aula e com todos os professores. É o bibliotecário, leitor convencido da necessidade da leitura e da literatura, que é chamado a convocar os docentes e equipes diretivas neste propósito, se não queremos que a maioria de nossas crianças e seus pais esteja excluída desse direito à cultura escrita e em especial à literatura. É a melhor literatura.

É quando falo de biblioteca, falo da necessidade de que os livros, os bons livros, livros de muito boa qualidade, cheguem às escolas no âmbito de programas de bibliotecas escolares bem concebidas, com profissionais responsáveis, e também com professores formados como leitores. Bibliotecas acompanhadas de transformações nos espaços e nos tempos das escolas, que deem lugar a leituras e escrituras compartilhadas, a conversações, debates e diálogos sobre elas, tudo isso para fazer das escolas “comunidades de leitores e escritores”.

Notas

¹ *Agradeço as observações de Elizabeth Serra, as quais permitiram precisar o contexto brasileiro.*

² *Las bibliotecas escolares en Argentina: un diagnóstico desde sus actores. SM de Ediciones: 2010. http://planlectura.educ.ar/pdf/Bibliotecas_Argentina.pdf p. 10, consultado en septiembre 5 de 2013, p*

³ *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Biblioteca da escola: direito de ler. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: 2002.*

⁴ *Graciela Montes. La gran ocasión. Buenos Aires: Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología.*

⁵ *A respecto puede consultarse a diversos autores en la antología compilada por David Olson y Nancy Torrance: Cultura escrita y oralidad. Barcelona: Gedisa, 1995.*

⁶ *“la escritura como la oralidad es un medio para lograr diversos fines, no es un fin en sí misma” afirma David Olson. La cultura escrita como actividad metalingüística. En op. cit.*

⁷ *Freire, P. (1997). Pedagogía de la autonomía. México: Siglo XXI*

⁸ *Bárcena, Fernando. El alma del lector: la educación como gesto literario. Bogotá, Asolectura, 2012.*

⁹ *Lerner, Delia. Leer y escribir en la escuela: lo real, lo posible y lo necesario. México, FCE: 2001.*

¹⁰ *Graciela Montes. La gran ocasión. Buenos Aires: Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología.*

¹¹ *Colasanti, Marina. Minha guerra alheia. Rio de Janeiro, Record: 2010.*



34º Congresso Internacional do IBBY

Que todos possam realmente ser todos:
A leitura como experiência de inclusão

Cidade do México
10 - 13 de setembro de 2014

Mais informações:
www.ibbycongresso2014.org
vinculacion@ibbymexico.org.mx

movimento por um Brasil literário

*m*Brasil
lit

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais



FAÇA VALER
O SEU DIREITO
CAMPANHA PELA EFETIVIDADE DA
LEI 12.244/10

Acesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE - iBBY

Mantenedores Abacatte Editorial Ltda; Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Edit. e Dist. Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediuoro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Original Ltda; Editora Paz e Terra; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Shwarcz Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fundação Cultural Casa de Lygia Bojunga Ltda; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Stampa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras. de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Instituto Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghettis Gráfica e Editora Ltda; Mundo Mirim; Noovha América Editora Distrib. de Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakothek Artes Ltda; Publibook Livros Papeis S/A - L&PM; Publicação Mercurio Novo Tempo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e comércio de Livros; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livros Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros - SNEL; Texto Editores Ltda; Uni Duni Editora de Livros Ltda; Universo dos Livros Editora Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Textos: Claudia Duarte e Elizabeth Serra; Jornalista: Claudia Duarte; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Fotolito e Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2011-2014** Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Laura Sandroni, Silvia Negreiros e Wander Soares; Conselho Diretor: Ana Ligia Medeiros, Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva; Suplentes: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Annete Baldi, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa e Silvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio

